

Transnacionalismo, Agronegócio e Agricultura 4.0: nova acumulação sob novo modo de produção – a natureza, os territórios e os mundos do trabalho no centro de domínio do capital

Transnationalism, Agribusiness and Agriculture 4.0: new accumulation under a new mode of production - nature, territories and the worlds of work at the center of capital's domination

Autora Fabiana Scoleso
Filiação Universidade Federal do Tocantins - UFT
E-mail fscoleso@uft.edu.br

Grupo de Trabalho (GT): <<12 – Impactos socioambientais das novas tecnologias no Agronegócio>>

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender a expansão da fronteira agrícola nas últimas duas décadas no Brasil e a consolidação do que tem sido denominado de Agricultura 4.0. Para isso procuramos analisar as seguintes dimensões: as corporações transnacionais, que exercem papel de destaque nos territórios para expandir seus interesses, com capacidades financeiras e científicas para avançar no campo tecnológico e alterar significativamente a composição orgânica das forças produtivas; a expansão da fronteira agrícola sobre a Amazônia Legal e sobre cerrado, bioma que mais tem sido fortemente degradado nas últimas décadas e que, conseqüentemente, tem provocado impactos socioambientais e territoriais de grande envergadura; a territorialização dessas novas forças produtivas por meio de desregulamentações e flexibilizações legais; e as conseqüências desse novo modo de produção para o mundo do trabalho. A Agricultura 4.0 pode ser também entendida como um processo de reestruturação produtiva permanente que exerce impacto e se relaciona com a dinâmica produtiva, com o mercado de trabalho e com a crise ecológica atual e que colabora com o diagrama neoliberal alcançando formas de superacumulação por meio de uma inserção subordinada dos países latino-americanos na economia global.

Palavras-chave: Transnacionalismo, Agronegócio, Agricultura 4.0, Expansão da Fronteira Agrícola, Impactos socioambientais.

Abstract

The aim of this paper is to understand the expansion of the agricultural frontier over the last two decades in Brazil and the consolidation of what has been called Agriculture 4.0. To this end, we seek to analyze the following dimensions: transnational corporations, which play a prominent role in territories to expand their interests, with the financial and scientific capacities to advance in the technological field and significantly alter the organic composition of productive forces; the expansion of the agricultural frontier over the Legal Amazon and cerrado, the biome that has been most degraded in recent decades and which has consequently caused major socio-environmental and territorial impacts; the territorialization of these new productive forces through legal deregulation and flexibilization; and the consequences of this new mode of production for the world of work. Agriculture 4.0 can also be understood as a process of permanent productive restructuring that has an impact on and is related to the dynamics of production, the labor market and the current ecological crisis, and which collaborates with the neoliberal diagram by achieving forms of overaccumulation through the subordinate insertion of Latin American countries into the global economy.

Key words: Transnationalism, Agribusiness, Agriculture 4.0, Expansion of the Agricultural Frontier, Socio-environmental impacts.

1. Introdução

O sistema capitalista na América Latina é típico de um desenvolvimento desigual e combinado, resultado de uma relação que permite ao capital transnacional uma acumulação extraordinária e uma consequente destruição de proporção catastrófica. William Robinson (2021) aponta que a crise global que estamos enfrentando não tem precedentes dado a magnitude e alcance global, degradação ecológica e deterioração social. O fetichismo das commodities sintetizado no slogan “O Agro é Tech, o Agro é Pop, o Agro é Tudo” é a formação de um consenso na opinião pública que quer criar uma “Imunidade Social” ao setor agrícola sobre as consequências destrutivas do avanço da fronteira agrícola sobre a natureza, territórios e mundo do trabalho.

A América Latina e o Caribe têm papel estratégico no estabelecimento histórico do capitalismo e no seu reestabelecimento na atual fase neoliberal. Esta investigação tem por objetivo refletir sobre as camadas do modo de produção capitalista centrando sua análise nos antagonismos e contradições que o sistema tem provocado: a contaminação do solo e das águas, mudanças climáticas, queimadas e desmatamentos, a modificação do regime de secas, chuvas e ventos, assim como a destruição dos territórios e conflitos socioterritoriais, crimes ambientais e até mesmo um grande contingente de pessoas que hoje se enquadram na condição de refugiados climáticos.

É urgente falar de crise ecológica e climática e do grau de destruição causado pelo modelo econômico que estamos seguindo, como apontado por Neil Smith (2020) quando trata do desenvolvimento desigual e seus impactos sobre a natureza e na produção e reprodução do espaço. É uma luta dialética sobre a definição do mundo em que vivemos. Há uma ruptura metabólica entre a natureza e as pessoas e certamente a transição ecológica não será resultado da inovação tecnológica e das mudanças no comportamento individual.

As revoluções tecnológicas são majoritariamente direcionadas para a expansão da lógica capitalista e no caso das dinâmicas rurais, a capacidade produtiva da natureza é captada para satisfazer as necessidades da lucratividade maximizada e da produção de commodities para a superacumulação. Assim, a natureza perde o sentido de identificação e locus de sociabilidade. Daí sua fratura e a produção e reprodução do metabolismo do capital que é, essencialmente, antissocial. É urgente avançarmos sobre a categoria território e territorialidade também como recurso para continuarmos aprimorando o conceito de Zonas Específicas de Intensa Acumulação (ZEIAS) que, em síntese, representa a combinação e a articulação entre instituições, infra-estrutura e securitização que atua sobre os territórios e os circuitos produtivos operados pelo capital transnacional.

Esta é uma combinação complexa de forças produtivas e que define, também, o avanço da organização internacional e regional do trabalho numa escala sempre contínua de dominação das relações sociais de produção, amplificando, sobremaneira, a mobilidade do capital, da mais-valia e da busca por maiores taxas de lucro. As dinâmicas realizadas na expansão da fronteira agrícola sobre o bioma cerrado (parte da Amazônia Legal e MATOPIBA) acabam circunscritas nesse ciclo pela demanda global por alimentos, pelo circuito da financeirização e pela instituição de seu regime de produção hegemônico que são pontos de relevância para pensar na tecnologia empregada na reestruturação produtiva permanente no setor agrícola e avançar, neste sentido, também sobre os estudos da Agricultura 4.0.

2. Resultados preliminares

A agricultura brasileira continua sendo parte integrante e cada vez mais fundamental do Produto Interno Bruto Nacional (PIB), movimentando múltiplos interesses, como os do capital e da classe capitalista transnacional (CCT). Os investimentos nos vários elos da cadeia de valor do agro têm sido vetor da produção e reprodução de uma lógica de expansão calcada na metamorfose dos espaços e, consequentemente, na construção de Zonas Específicas de Intensa Acumulação (ZEIA's), como é o caso do MATOPIBA e, finalmente, dos Espaços Globais (EG).

O Estado do Tocantins tem feito parte deste processo de expansão. Se outrora o Mato Grosso era reconhecido (e continua sendo) por tal posição, hoje podemos dizer que o bioma cerrado é a fronteira agrícola potencialmente explorável e de relevância no norte do país. Este novo passo teórico e empírico visa consolidar algumas das categorias de análise já tratadas anteriormente como Agricultura 4.0, conflitos socioterritoriais e socioambientais, além das dimensões do Capitaloceno, a ecologia política, entre outros. Todos os estudos e todo processo de abstração para compreender a realidade passam por uma série de revisões, inclusões de novas leituras, novas variantes, e por uma análise crítica que seja útil e razoável para todas e todos que se interessam pelo tema.

A renovação e a contribuição de novas ideias são sempre importantes para se compreender a realidade e as múltiplas dimensões históricas e do mundo contemporâneo. Outro ponto a se destacar é o de que a interdisciplinaridade não pode ser ignorada, correndo-se o risco de ser superficial e insuficiente. Portanto, esta pesquisa integra a perspectiva de um diálogo permanente que vai além da disciplinaridade estabelecida. Neste sentido, as gerações de autoras e autores de distintas latitudes podem ajudar no corpo crítico do pensamento latino-americano tão importante nesta investigação por entender que a particularidade brasileira é integrativa desta relação de dependência e subordinação que marca historicamente a América Latina e o Caribe.

Ante a materialidade das relações capitalistas de produção e a reprodução social sob cariz neoliberal, as categorias territorialização e territorialidade são potentes no pensamento científico crítico que é aqui proposto. O objetivo é o de se contrapor a toda e qualquer naturalização das relações sociais neoliberais, como expressão de tendências “espontâneas” e naturais do devir histórico da sociedade.

A metamorfose do espaço habitado, como escreveu Milton Santos, e todas as outras que compõem o universo de transformações do capital hoje (ecologia e mundos do trabalho), precisam ser compreendidos como desenvolvimento desigual e combinado resultado da reestruturação de uma relação que permite ao capital transnacional uma acumulação extraordinária e uma destruição nas mesmas proporções., característica específicas do modo de produção capitalista e agora atualizados sob o viés de uma tecnologia cada vez mais autônoma.

Neste sentido, a Trípole Destrutiva do Capital pretende destacar como a geopolítica tem desencadeado um gradiente de efeitos dos mais perversos sobre três dimensões em especial: sobre a natureza (ecologia), territórios (impactos socioterritoriais) e mundo do trabalho (organização regional e internacional do trabalho), resultando em uma fratura metabólica sem precedentes.

Karl Polanyi em seu livro “A grande transformação” apontou para as profundas mudanças no sistema capitalista mundial do princípio do século XX e as alterações sistêmicas do pós-II Guerra Mundial. Como o capitalismo é um sistema resultado de um processo histórico e dialético, o século XXI é reflexo de uma avalanche de mudanças e

interações de efeitos extremos interno e externos que aparecem de forma bastante peculiar na América Latina e no Caribe, território que nos últimos anos tem reestabelecido as forças conservadoras, passando por tentativas e consolidação de golpes institucionais e promovido políticas econômicas de austeridade, como as reformas que diminuem drasticamente os direitos sociais desregulamentando e flexibilizando todo tipo de lei que favoreça o avanço do capital sobre nossos territórios.

A mundialização do capital como descrita por François Chesnais (1996) “é o resultado de dois movimentos conjuntos, estreitamente interligados, mas distintos. O primeiro pode ser caracterizado como a mais longa fase de acumulação ininterrupta do capital que o capitalismo conheceu desde 1914. O segundo diz respeito às políticas de liberalização, de privatização, de desregulamentação e de desmantelamento de conquistas sociais e democráticas, que foram aplicadas desde o início da década de 1980, sob o impulso dos governos Thatcher e Reagan”. (Chesnais, 1996, p. 34)

A fotografia deste mundo é uma rede hierarquizada. A integração originalmente proposta desregulamenta o mercado de capitais, commodities e da tecnologia e mantém a ecologia, as territorialidades e os mundos do trabalho como uma fronteira que deve ser superada pela desregulamentação e consequente destruição e precarização, que tem se mostrado como resultado de um processo assimétrico e cumulativo, mas que ganhou maior potência na fase neoliberal.

Neste renovado sistema de hierarquias renovou-se, também, o nível de integração subordinada da América Latina em relação ao sistema internacional de comércio. No século XXI, a América Latina tem destacado processo de reprimarização e desindustrialização de suas economias. Projetos de infraestrutura espalhados por todo esse território estão vinculados à expansão do modelo agroexportador como “saída para a crise” e a exploração do trabalho e a destruição ecológica têm sido os termômetros que nos ajudam a compreender a atualizada integração subordinada do continente em relação aos países centrais. (Carcanholo, 2009)

As dinâmicas rurais, a territorialidade do capital no campo, a produtividade obtida através da Agricultura 4.0 e pelas permanentes transformações tecnológicas, são objetos de interesse nesta investigação. Nos preocupa o modelo produtivo, o regime hegemônico de produção de alimentos, a degradação do meio ambiente e os impactos deste complexo na classe trabalhadora do campo e da cidade. Apesar da eficiência produtiva do setor, milhões de pessoas passam fome em diversas partes do mundo. Não à toa as contradições e antagonismos são cada vez mais gritantes e irreconciliáveis, especialmente entre os países que figuram como grandes produtores de grãos do mundo e que também fazem parte do chamado Mapa da Fome instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU). A mundialização é uma dimensão permanente do desenvolvimento das sociedades e a periferia continua exercendo seu papel subordinado no estabelecimento do capitalismo do século XXI.

Sobre esses territórios transformados e especializados a Classe Capitalista Transnacional (CCT) orienta seus investimentos e maximiza sua acumulação. As aspirações transnacionais recolocam a luta de classes na sua centralidade e no Brasil, como em toda a América Latina e Caribe, se apropriam também de nossas debilidades históricas que resultaram em múltiplas contradições no destino de suas populações. Os interesses dos grandes latifundiários e de todos os investidores que fazem parte da cadeia de valor do agronegócio interessados em uma monocultura em grandes extensões de terras para a exportação estão em relação antagônica aos camponeses, ribeirinhos, indígenas e quilombolas que têm vivido um verdadeiro assalto aos seus territórios e modos de vida.

3. Referências

BRAND, Ulrich, WISSEN, Markus. Modo de vida imperial: vida cotidiana y crisis ecológica del capitalismo. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2021.

CARCANHOLO, R. A atual crise do capitalismo. *Crítica Marxista* (São Paulo), v. 29, p. 49-55, 2009.

CHESNAIS, François. A mundialização do capital. São Paulo: Xamã, 1996.

HERNÁNDEZ, Jorge Rojas, DÖRRE, Klaus. Transformaciones socioecológicas globales: sociedade pospandemia, cambio climático, naturaliza y democracia. Santiago do Chile: RiL Editores/ Friedrich-Schiller Universitat Jena/ Universidade de Concepción, 2022.

MOORE, Jason W. El capitalismo em la trama de la vida: ecología y acumulación de capital. Madrid: Traficantes de Sueños, 2015.

PALACIOS, Juan Manuel Sandoval, LUNA, Raúl Netzahualcoyotzi, ZACAULA, Aurora Furlong y, DELGADO, Héctor Antonio Padilla. Las fronteras: espacio estratégicos para la globalización. Ciudad Juárez: Universidade Autónoma de Ciudad Juárez, 2017.

POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens políticas e econômicas de nossa época. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. 6 ed. São Paulo: Edusp, 2021.

SASSEN, Saskia. Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

SCOLESO, Fabiana. Transnacionalismo, agronegócio e agricultura 4.0 - nova acumulação sob novo modo de produção: a natureza, os territórios e os mundos do trabalho no centro do domínio do capital. São Paulo: Lutas Anticapital, 2022.

SMITH, Neil. Desarrollo desigual: natureza, capital y la producción del espacio. Madrid: Traficantes de Sueños, 2020.

SVAMPA, Maristella. As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências. São Paulo: elefante, 2018.